

O Governo da República da África do Sul assumiu publicamente a responsabilidade pelas violações ao Acordo de Nkomati, acatando as acusações e denúncias feitas pelo Governo da República Popular de Moçambique, através do seu Presidente, Samora Machel, actualmente em visita de trabalho aos Estados Unidos.

Vamos falar aberta e claramente. Vamos ao assunto sem rodeios e sem maquinações típicas da linguagem diplomática, tanto ao gosto dos governantes sul-africanos, que continuam a demonstrar falta de seriedade no cumprimento do acordo assinado com o Governo do nosso País.

Para um cidadão consciente e honesto colocam-se algumas questões, que merecem ser respondidas. Questões que surgem das reticências, das evasivas e das entrelinhas das declarações de Roelof Botha e dos comentários da emissora oficial do regime pretoriano, a SABC.

Temos em nós que as tentativas de justificação das violações, feitas por Botha Segundo, são grotescas, ridículas e até com foros de escandaloso, ao mesmo tempo que são uma autêntica provocação à inteligência dos homens. Ou será que os governantes sul-africanos pensam que, dizendo duas tretas e três balelas, conseguem convencer-nos da sua inocência, tipo menina virgem muito pura e cumpridora das suas obrigações em casa, mas que anda na prostituição há muito tempo.

Para Roelof Botha, o mesmo que dizer para o Governo sul-africano, as violações ao Acordo de Nkomati — vejam bem — foram apenas... «técnicas» com o «humanitário» intuito de contribuir para que a paz fosse alcançada em Moçambique, se possível — imaginem só — sentando à mesa das conversações o legítimo Governo do nosso País e os cabeçlhas dos bandidos armados.

Violação é violação. No espírito e na letra. Não há cá violações técnicas, nem violações científicas, nem violações empíricas, nem violações humanitárias. E não venham agora os governantes sul-africanos dizer que, por um gesto de boa vontade, não haviam dito anteriormente que tinham preso militantes do ANC entrados «clandestinamente» na África do Sul, a partir de território moçambicano.

Roelof Botha, talvez atacado muito inesperadamente por amnésia, doença que muito frequentemente atinge os círculos governantes da África do Sul, afirma descaradamente que o seu País apenas forneceu uma vez armas e que essas armas — reparem bem nesta historietta — eram para proteger cidadãos sul-africanos a construir uma pista de aviação (?) em território moçambicano.

No ridículo das argumentações, tentando justificações, Botha Segundo vai longe demais no seu descaramento, ao dizer que apenas soube que o seu Vice (ex-Vice agora) veio somente uma vez em avião militar ao território moçambicano para se reunir com os bandidos armados.

E que, se houve outras viagens secretas e clandestinas do seu Vice, — imaginem ele não saber onde anda o Vice — ele não teve conhecimento e nem sequer concedeu a respectiva autorização de viagem. De repente, um homem de confiança — falamos de Louis Nel — passa a coladinho de um tramaço qualquer, como que fosse o bode explatório da farsa sul-africana.

Ponto final. Conclusões. A África do Sul violou o Acordo de Nkomati e terá de responder pelas violações, pois forneceu armamento, equipamento diverso, comida, medicamentos, combustível e outro material aos bandidos armados, utilizando a aviação e a marinha militares para o efeito. E não apenas isso.

As violações contemplam ainda o transporte de e para Moçambique de bandidos armados, a presença de cidadãos sul-africanos em território moçambicano, nas fileiras dos bandidos armados, incluindo oficiais de alta patente das célebres e tristes Forças de Defesa da África do Sul.

E mais: a presença de um membro do Governo sul-africano, que atravessou clandestinamente a fronteira entre os dois países para ir à Gorongosa, é também uma violação que nos leva a pensar por conta de quem e em nome de quem é que esse Vice-Ministro agiu ou estava a agir. Afinal quantos governos há na África do Sul?

Ou há seriedade ou não. Ou há honestidade ou não. De novo os governantes sul-africanos cometeram o crasso erro de subestimar a inteligência e a capacidade dos seus vizinhos. Isso deveu-se à própria natureza da ideologia racista, que fomenta a arrogância e o complexo de superioridade. De idiotice, em idiotice, os sul-africanos no poder vão-se enterrando cada vez mais no charco imundo que eles próprios preparam com as suas mãos e falta de inteligência.

E há a agressão à República Popular de Angola.

Repete-se a estúpida e estafada fanfarronice de que os soldados de Pretória invadiram território soberano de Angola em perseguição dos guerrilheiros da SWAPO.

Mas não há sinais de que tenha sido morto algum combatente da liberdade da Namíbia. Há sinais, isso sim, de que população civil indefesa foi assassinada e que foram atingidas unidades das FAPLA.

A verdade desta agressão é que a África do Sul invadiu Angola, uma vez mais, para ir socorrer os bandidos armados da UNITA, para tentar evitar que Jamba, o «comando-supremo» dos bandidos armados em Angola, fosse tomado, como o foi a «Casa Banana» dos bandidos armados em Moçambique.

Só que a África do Sul não enviou o seu exército para o interior de Moçambique para ajudar os seus correioeiros na Gorongosa, como o fez em Angola, devido ao Acordo de Nkomati, mas enviou, secreta e clandestinamente o seu Vice-Ministro, vários cidadãos sul-africanos, pilotos e marinheiros e... forneceu armamento e outro tipo de equipamento... numa agressão camuflada.

E depois de tudo isto, a África do Sul pretende-se cheia de boa vontade, moral e amizade e apregoa que os seus vizinhos são os destabilizadores na região, porque são uma ameaça trazida pelo comunismo e pelos soviéticos para a África Austral. É preciso ter muito descaramento. De facto.